

# Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos

## Apresentação

José Gonçalves Gondra

Desde os antigos, as viagens têm se proliferado e, de modo geral, podem ser compreendidas com base em suas motivações, itinerário, duração, produtos e efeitos. A literatura de viagem, por sua vez, tem se constituído em objeto de inúmeras reflexões no campo da história e da literatura, por exemplo. No entanto, no campo da educação, esse tipo de discurso não tem recebido muita atenção e, quando é referido, cumpre mais a função de ilustrar determinados aspectos, sem se problematizar o próprio estatuto do relato dos viajantes – em especial o de educadores –, o modo como narram suas viagens e os efeitos destas.

Em geral, as viagens dos educadores funcionam como técnica de investigação e de conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o *outro*. A experiência da observação, e o que se observa, tem se tornado uma experiência significativa de vários homens e mulheres, em tempos e espaços diversos, inclusive na de educadores envolvidos com os sistemas de instrução, com as escolas e com os problemas da educação.

Professores, diretores de escola, inspetores de ensino, médicos, bacharéis, jornalistas, religiosos e políticos envolvidos com projetos educacionais enfrentaram as viagens, por vezes em condições adversas, como forma de testemunhar o que se fazia no *espaço do outro*. Esse

esforço terminava por investir o viajante de um saber que incrementava seu capital intelectual e político. Com isto, o relato da viagem, menos que uma descrição imparcial, transforma-se em um efetivo instrumento e forma de exercício de poder. Nessa direção, trabalhamos com a hipótese de que as viagens funcionam como dispositivo comparativo e, ao mesmo tempo, um observatório privilegiado para refletir-se acerca da circulação de ideias, projetos e modelos educacionais em curso.

Neste dossiê, viagens de brasileiros e portugueses são exploradas como condição para pensar esse tipo específico de literatura pedagógica e, do mesmo modo, para dar a ver homologias e diferenças no que motiva, nos destinos e nos efeitos das viagens aqui analisadas<sup>1</sup>. Acreditamos que esse procedimento possibilita aos historiadores da educação construir um entendimento adicional acerca das conexões nacionais, continentais e intercontinentais dos modelos pedagógicos em múltiplas escalas (local, regional, nacional e transnacional) e, por conseguinte, repensar as classificações com que frequentemente operamos.

Iniciamos o dossiê com as viagens no interior da nação, privilegiando a viagem que o inspetor técnico de ensino Estevão de Oliveira empreende

- 
1. Este dossiê reúne, com ligeiras mudanças, os textos apresentados na sessão coordenada homônima, apresentada durante o VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, ocorrido na Universidade do Porto, em junho de 2008. Essa sessão contou com a participação de Rogério Fernandes, professor jubilado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Lisboa que, na ocasião, apresentou o trabalho intitulado “Irene Lisboa e Áurea Judite Amaral: duas viagens na Educação Nova”. Segundo o autor, as viagens dessas duas educadoras (Irene Lisboa, 1892-1958 e Áurea Judite Amaral, 1889-1977) podem ser consideradas expressões de uma tendência identificada em Portugal, desde os começos do século XX, para procurar, no exterior, modelos pedagógicos que respondessem às dificuldades do ensino. Foi esse um dos objetivos do decreto de 29 de maio de 1907, que instituiu um concurso para bolsas de estudo, visitas ou estágios em instituições situadas em outros países europeus, tendo sido nesse quadro, que diversos educadores portugueses visitaram Genebra, capital da teoria da Escola Nova, entre os quais as duas educadoras em questão. Uma versão desse texto pode ser encontrada no livro *Viagens Pedagógicas*, publicado em 2007 pela editora Cortez, sob a organização de Ana Chrystina Mignot e José Gondra. Além dos integrantes deste dossiê, esse livro contém artigos de Antonio Viñao, Pedro L. Moreno-Martínez, Clarice Nunes, Jussara Santos Pimenta, Marta Chagas de Carvalho e Jean Houssaye.

ao Rio de Janeiro e São Paulo, no início do século XX. Comissionado pelo governo do estado de Minas Gerais para visitar as escolas paulistas e cariocas, procura reunir elementos no intuito de delinear um plano de reforma para o ensino público primário e normal mineiro. O objetivo era levantar e organizar informações necessárias que habilitassem o legislador mineiro “a introduzir melhoramentos na organização do ensino público”.

Na sequência, exploramos duas viagens continentais, uma na América do Sul e uma na Europa. No caso latino-americano, examinamos a viagem que Armanda Álvaro Alberto realizou a Montevideo, na primavera de 1931. Integrava a Embaixada de Intercâmbio Intelectual, nomeada por Belisario Penna – que ocupava interinamente a pasta do Ministério da Educação e Saúde – em cumprimento do decreto presidencial que regulamentava a execução do convênio assinado entre os dois países com a finalidade de promover, anualmente, “o intercâmbio de professores e alunos ou qualquer outro ato de aproximação espiritual entre estes dois países”.

No caso da viagem dentro da Europa, ela nos remete à prática de uma instituição: o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, atual Instituto de Odivelas. Nesse artigo, o centro consiste no estudo de viagens pedagógicas realizadas por três professores desse estabelecimento, em um período delimitado, os anos 1920. Nesse caso, os professores se dirigiram à Alemanha, Bélgica e Suíça, com o espírito assemelhado ao de outros colegas portugueses e brasileiros.

Por fim, examinamos uma viagem intercontinental, entre Brasil e Europa, baseados no estudo do relatório de um professor público primário da capital do Brasil. Luiz Augusto dos Reis, em viagem oficial entre 1890 e 1892, teve oportunidade de visitar escolas e instituições educacionais em Portugal, Espanha, França e Bélgica. Como se pode observar, o endereço do *outro* parece mesmo estar acompanhado da vontade de observar um sistema considerado mais desenvolvido para e, de acordo com o exame do mesmo, dimensionar e articular medidas a serem executadas no plano local.

A variedade de destinos constitui-se sinal de que os deslocamentos não possuíam uma única direção. Os *vapores e diligências* conduziram educadores a destinos diversos, ainda que todos, de algum modo, estivessem comprometidos com o sonho de pensar sua experiência em contraste com o que se pode ver, ouvir, ler e sentir em contato com a experiência do *outro*.